

Memória, teoria e prática: fios que se tecem na formação do professor

Tânia Regina da Rocha Unglaub

O presente artigo visa analisar a formação do professor, discutindo alguns elementos que influenciam a maneira de ser do docente, bem como sua ação pedagógica. Para tanto, buscou-se compreender vários fios que se tecem na construção desse processo pedagógico. Um dos fios mencionado e destacado neste contexto é a memória. Reflete-se sobre sua interação dinâmica, tanto com o passado, embora alterado pelo dinamismo das lembranças, quanto com o presente, ao procurar na experiência um complemento indispensável para uma formação equilibrada na arte de ensinar.

Quando e como se aprende a ministrar aulas? Como escolher procedimentos didáticos adequados aos objetivos de um conteúdo? Em que momento os saberes didáticos e pedagógicos imprescindíveis ao professor de qualquer área são aprendidos? Estas inquietações são freqüentes na cabeça dos alunos que cursam licenciatura, dos ingressantes ao magistério e até mesmo de professores veteranos.

Como professora de disciplinas pedagógicas, dos cursos de Licenciatura em Educação Artística Música, Artes Plásticas e Artes Cênicas, no Centro de Artes da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), tenho vivenciado com meus alunos estas preocupações e juntos temos discutido e refletido sobre estes aspectos, como também o quanto a didática poderá contribuir para o exercício da prática docente.

Estas interrogações não são inéditas. Muitos pesquisadores educadores vêm analisando o percurso pedagógico e a identidade de professores, a fim de traçar certo padrão de resposta às questões relacionadas com a maneira como o docente reflete em sua atividade profissional as diferentes influências que moldaram seu modo de ensinar. Já em 1992, Nóvoa observava que desde meados dos anos 80, “a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, carreiras, percursos profissionais, biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores” (1992, p.15). Apesar de o autor considerar esta produção muito heterogênea, atribui a ela um mérito indiscutível ao recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas de investigação. Nesse mesmo texto ele menciona que “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino”. (Ibid., 1992, p.17). Considerando que somos, como indivíduos, um conjunto complexo de fatores que interagem e mesmo retroagem em um intrincado processo que não cabe aos limites desse texto aprofundar-se, certamente nos encontramos diante de um quadro tão rico quanto complexo da formação do professor.

Há alguns pesquisadores brasileiros que tem se dedicado a estudar este tema, entre os quais menciono Bueno, Catani e Souza (1997), que buscam os entrecruzamentos de docência e memória; vida e ofício dos professores. Estas autoras que trabalham nesta linha de pesquisa, já apresentam alguns resultados destas investigações realizadas, e afirmam que:

as concepções sobre as práticas docentes não se formam a partir do momento em que os alunos e professores entram em contato com as teorias pedagógicas, mas encontram-se enraizadas em contextos e histórias individuais

que antecedem, até mesmo, a entrada deles na escola, estendendo-se a partir daí por todo o percurso de vida escolar e profissional. (BUENO et al. 1997, p.34)

Esta constatação põe à mostra a força da história pessoal, intelectual e de formação desses agentes, dando a entender que, diante da mesma teoria pedagógica, dois professores que se propõem a ensinar utilizando-a, podem diferir em relação à sua metodologia de aplicação, bem como poderão obter resultados diversificados em função de que cada um tem uma história diferente, um *background* distinto e quem sabe um contexto sócio-cultural diverso.

Lembranças e práticas

Um poderoso elemento a ser considerado nesse tema é a influência da memória no processo formativo do professor. Ela se relaciona diretamente ao indivíduo jogando um papel personalizado, sendo que algumas sensações experimentadas no tempo de alunos, permanecem na memória e possuem influência decisiva na forma de atuação na prática docente. O resgate da memória não esclarece somente o que foi vivido, mas também como se deu este processo. Além disso, a memória parece não ser estática permitindo à pessoa reconstruir seus caminhos sejam eles de fracassos ou vitórias e os percalços de sua trajetória, suas frustrações e desapontamentos. Desse modo pode-se dizer que a rememoração de um fato ou a lembrança de certa situação passada é reinventada pela auto-análise em relação aos acontecimentos posteriores à situação relembrada. Mas não é só isso, também a projeção futura é afetada por essa reinvenção. Então, se pode afirmar que, provavelmente, o relato atual de algum fato passado, não refletirá exatamente o sucedido, pois a lembrança dos feitos

ou eventos lembrados, passará pela sensação experimentada naquele momento acrescida ou modificada pela ação de tudo o que aconteceu posteriormente, quer seja positivo ou negativo. Por exemplo, uma atitude que na época foi vivida como perfeitamente normal, mas que no momento presente é reprovável, será relatada com o devido filtro buscando alterar o conceito dos ouvintes sobre o autor daquela ação.

Os estudos realizados por Benjamim (1984), Bueno, Catani e Souza (1997), mostram que fatos relatados de memória, normalmente, não foram vividos de acordo com a percepção que se tem deles hoje, pois a memória faz uma espécie de retroalimentação, que a altera em um círculo constante de comparação entre o sucedido e a reação que se esperaria hoje, em um contexto que talvez tenha mudado culturalmente. Assim é que às vezes se ouve a expressão saudosista “no meu tempo...” e segue-se quase sempre um relato idealizado e melhorado do que de fato aconteceu, excluindo-se as facetas indesejadas.

Considerando essa característica da memória, importa analisá-la tentando contextualizar o máximo possível as experiências, projetando-as para uma ação presente que aponte para mudanças em relação aos equívocos do passado, próprios ou de outros professores que, muitas vezes, a memória tende a mascarar nesse processo de minimizar os insucessos, induzindo a uma repetição das mesmas ações hoje consideradas negativas.

Michel de Certeau (1994) comenta que a memória retroalimenta a ocasião, e que esta se aproveita das ocasiões produzindo um fazer tático, agindo na esfera do tempo, interferindo nos espaços e nas ações. Portanto, o sujeito utiliza a memória não só para resgatar experiências vividas, mas também para reorganizar sua atuação e o

espaço em que vive. Aí está a importância de trazer à tona a memória da carreira estudantil, a fim de prestar atenção nos significados das ações pedagógicas sentidas, que marcaram a vida, para entender as implicações daquele contexto histórico-social e construir um fazer didático crítico, reflexivo, consciente e transformador. Retomar a memória, portanto representa um antídoto contra a resignação e o conformismo, um convite ao fim das certezas. Paulo Freire (2003), comenta sobre a importância de não estarmos certos de nossas certezas para podermos crescer e aprender, porque a partir do momento que não temos mais certeza de nossas certezas estaremos abertos ao diálogo, à crítica, à auto-crítica e à reflexão do cotidiano historicamente construído, podendo então abrir o caminho para as certezas.

Benjamin (1984) pondera que articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de uma situação crítica. Ao mesmo tempo em que o relato das lembranças é uma construção na qual os saberes e as vivências passadas emergem do inconsciente para o consciente na fala presente, esta apropriação também se articula com o que está por vir, atuando como um veículo que se move entre passado, presente e futuro.

Certeau (1994) menciona que o mundo da memória intervém no momento oportuno e produz modificações no espaço. Portanto sentimo-nos vivos quando entregues às lembranças e interagimos cotidianamente com o que está à nossa volta. O momento presente é aquele em que nosso passado pode estar dialogando com o futuro, de tal maneira que a projeção que se faz para o que está à nossa frente seja influenciado por nosso passado, ao mesmo tempo em que a expectativa do que se deseja para o futuro afeta o relato que se apresenta do passado.

Memória e experiência

Quando se fala em memória é imprescindível focar também a experiência. Na verdade os fatos vividos são a fonte onde a memória busca seus referenciais para contracenar com as situações presentes numa troca interativa constante, que definirá o curso presente das ações a serem seguidas. Silva (2003, p. 12.) comenta que “a experiência vivida durante a história de escolarização pode contribuir para as produções no campo educacional de modo geral e, em especial para os estudos sobre a formação de professores e sobre o ensino que se realiza na sala de aula”. Por tal razão é importante ouvir experiências vividas no ambiente escolar, sendo a memória o veículo que torna possível o aproveitamento de tais fatos.

Ao refletir sobre a atuação pedagógica e entrar em contato com textos sobre histórias de vida e a atuação da memória na formação de professores, e por ser professora da disciplina de didática, neste semestre optei trabalhar com a proposta de recuperar a memória educativa de meus alunos tendo como objetivo discutir alguns aspectos percebidos em seu cotidiano escolar. Eles elaboraram um memorial, onde foi mencionado o professor que guardam na memória, bem como momentos significativos da vida acadêmica. A finalidade deste trabalho foi pesquisar e identificar o contexto histórico social deste período significativo, como também, discutir em aula as correntes pedagógicas que se fizeram presentes na época mencionada. Além de analisar os modismos pedagógicos, e a forma como estas teorias foram transmitidas por seus professores, discutimos como o aluno considerou estas ações em seu cotidiano, o que seria conveniente fazer diferente e o que seria importante repetir, procurando trazer à tona as interferências sociais percebidas em suas ações

daquele instante, porque cada momento é único, impossível de ser retomado.

O ato de rememorar publicamente experiências vividas na sala de aula durante a escolarização, pode levar a compreender a constituição do trabalho docente e suas práticas efetivas. Tenho notado que esta experiência tem sido desafiadora e estimulante, pelo interesse demonstrado pelos alunos em participar desta atividade. Eles percebem que não há uma receita pronta na atividade docente, e que a formação de professores depende de muitos fios que se cruzam e, portanto, é importante prestar atenção e refletir sobre eles. Ao procurar no passado escolar a identificação de tal ou qual escola nas ações deste ou daquele professor, os levou a analisar e projetar melhores resultados para o futuro diante de situações similares.

Outro fato interessante que se tem apresentado nessa experiência é o que ocorre ao ouvir a história de outros. Muitas vezes podemos nos encontrar no outro, que por sua vez tem um pouco de nós, e a partir desses relatos, amplia-se o leque de opções a nossa disposição para as ações pedagógicas, captadas da história de vida de pessoas diferentes, em situações idênticas. Silva (2003, p.21), diz que essa experiência é “muito valiosa para se compreender processos pedagógicos semelhantes, vividos e reproduzidos por alunos muito diferentes”.

Para se conhecer os entrecruzamentos estabelecidos na tessitura da experiência vivida é necessário que se ouça quem a experimentou. Também é preciso dar ouvidos à nossa própria memória, ela, por sua vez, afetada e talvez modificada, analisará e refletirá as representações que se tornaram presentes ao serem interiorizadas, atuando no presente e projetando alterações em nosso próprio curso de ação.

Importa ressaltar nesse ponto da discussão que, todo o processo educativo busca justamente provocar mudanças, a tal ponto que uma ação educativa que não altera em nada a vida dos alunos, fracassou em seus objetivos.

Teoria e prática

Muitos outros fios se tecem na formação do professor. A memória do contexto acadêmico é um deles, mas dizer que é único seria muito simplismo.

Nóvoa afirma que “a formação se constrói através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal” (1992, p.70). O autor considera fundamental a análise da formação da pessoa e da experiência. Os sujeitos constroem seus saberes permanentemente, no decorrer de suas vidas. Esse processo, segundo Nóvoa (1995), é dinâmico, ativo e constrói-se no movimento entre o saber trazido do exterior e o conhecimento ligado à experiência.

Dizer que alguém pode se tornar professor(a), somente com os conhecimentos acadêmicos, ou apenas com a experiência é desconhecer o processo de formação de professores. A construção de professores ocorre cotidianamente, em diferentes interlocuções, nas múltiplas teias de relações de que é tecida, entre as quais o rico espaço da escola (embora empobrecido pela falta de políticas públicas comprometidas com a educação), a reflexão sobre a atuação pedagógica, os grupos de estudos e leituras que reforçam o embasamento teórico.

Thompson (1992) mostrou-nos que o conhecimento produzido no âmbito da vida prática é um conhecimento que não deve ser desprezado pelos profissionais que sistematizam o

conhecimento elaborado. A experiência vivida não é produzida nos gabinetes e sim na vida real pelo agir humano e para compreendê-la é preciso escutar e perceber a partir do que ela é, e não a partir de uma realidade idealizada. Isto nos faz retomar a discussão anterior de que experiência e teoria pedagógica devem caminhar de mãos dadas no processo formativo do docente.

A experiência não espera discretamente, fora de seus gabinetes, o momento em que o discurso da demonstração convocará a sua presença. A experiência entra sem bater a porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego, inflação, genocídio (THOMPSON, 1981, p. 17).

Esse autor analisa a experiência vivida como sendo um alimento fértil para o mundo acadêmico e de construção do conhecimento. Ele diz ainda que “a experiência é uma categoria que, por mais imperfeita que seja, é indispensável, pois compreende muitos acontecimentos inter-relacionados ou muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento”, (1981, p.15). Importa ainda lembrar o ponto de vista deste autor a respeito da interatividade das experiências vividas no sentido que

as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, (...). Elas também experimentam sua experiência como sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou na arte ou nas convicções religiosas (THOMPSON 1981, p. 189).

Aplicando-se os conceitos ora vistos à formação dos professores, pode-se afirmar que o academicismo isolado produziria professores

encastelados em um pretense saber muitas vezes dogmático e inacessível à realidade cotidiana dos alunos, que na maioria dos casos serviria apenas para exaltar a “sabedoria” do mestre. Por outro lado, uma formação ancorada exclusivamente na experiência tiraria a base teórica necessária a um trabalho consistente e bem fundamentado. Esta reflexão permite entrever que o professor de êxito estará atento aos diversos fios que entretecem a sua formação, valorizando cada um dos elementos que potencializarão sua atividade docente.

Concluo comentando que aprendo diariamente; embora dizer isso pareça óbvio, pois todos aprendemos. Entretanto, digo que aprendo a ser professora a cada instante, a cada aula que ministro, ouvindo cada relato e interferência de meus alunos, aprendo com meus filhos, com meus colegas, com as reuniões de departamento, e do Núcleo de Pesquisa e Extensão de Arte e Educação, e ainda com as ações de meus professores que guardo em minha memória.

Isto significa que na formação de professores comprometidos com a excelência na arte de ensinar, agem forças diversificadas que não devem ser desconsideradas. Quanto maior o número desses elementos presentes na estrutura formativa de um professor, mais rica será sua atuação e maiores serão os resultados alcançados.

Referências bibliográficas

BENJAMIM, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus Editorial, 1984.

BUENO, Belmira O., CATANI, Denice B., SOUSA, Cynthia (Org.). *Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

BUENO, Belmira O., CATANI, Denice B., SOUSA, Cynthia P. *A Vida e Ofício dos Professores*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 35ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

NÓVOA, António (Org.) *Os Professores e sua Formação*. 2ª. Ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, António. *Vida de Professores*. Porto: Porto, 1992.

SILVA, Marilda. *Como se Ensina e se Aprende a ser professor*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E.P. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.